

# MINISTERUL EDUCAȚIEI, CERCETĂRII ȘI TINERETULUI

## CONCURSUL DE LIMBĂ PORTUGHEZĂ ETAPA JUDEȚEANĂ

Clasa a XII-a  
7 Martie 2004

### SUBIECTUL I (40 p)

Leia o seguinte texto:

Basta entrar num autocarro, num metropolitano ou num eléctrico e olhar. É que vemos sempre coisas ou adivinhamo-las, claro. Mas às vezes acontecem mesmo. Esta foi num autocarro – n.º 5, n.º 7, sei lá...

Sentadada logo à entrada, uma menina de uns quinze anos muito bonita. Loiros cabelos verticais até aos ombros, nem fora do lugar, sardas postiças, e, sobre os joelhos, livros, cadernos, e duas mãos cuidadas. Uma menina-mulher que talvez tivesse sido chamada e tido uma boa nota, porque nos seus olhos claros havia um brilho feliz.

Não sei porquê mas pensei que ela devia ser estudiosa, muito eficiente, extraordinariamente atenta ao mundo apaixonante que a rodeava...

A certa altura entrou um homem de uns sessenta anos, não mais, e, como todos os lugares estavam ocupados, deixou-se ficar na retaguarda. Era um homem bem conservado, bem vestido, um homem que devia ter sido interessante e que talvez ainda se julgasse capaz de interessar. Era também um homem bem-educado, viu-se depois. Depois foi quando o olhar claro e lavado da rapariguinha se deteve nele, e ela se levantou, muito amável, para lhe oferecer o lugar.

Sabia que se deve oferecer o lugar às pessoas idosas e que aquele homem era muito idoso, podia ser seu avô. Então...

Há muito que não vejo uma pessoa tão atrapalhada como aquele homem.

Primeiro subiu-lhe ao rosto uma onda de sangue. Depois, em voz trémula, disse: “Obrigado, mas sinto-me perfeitamente de pé”. A rapariguinha, porém queria por força levar a cabo a sua boa acção diária e insistiu. Que fizesse favor, que ela ia sair na paragem seguinte... Havia sorrisos em volta, pessoas bichanavam, o homem devia sentir-se horrivelmente infeliz. E acabou por se sentar, com um sorriso muito falso... para fugir aos olhares do carro inteiro.

A rapariguinha saiu, de facto, na paragem seguinte e eu fiquei a perguntar a mim própria se ela já teria feito mais vezes bonitas acções daquelas. É possível que logo que chegasse a casa pegasse no seu diário – porque quase todas as meninas de quinze anos têm um diário – e escrevesse qualquer coisa à volta disto: “Tive dezoito à matemática e dei o meu lugar no autocarro a um pobre velho.” Porque o critério das idades varia conforme vamos envelhecendo. E se aquela menina não rasgasse o tal caderno e pudesses lê-lo daqui a muitos anos, e pudesse também recordar o homem a quem ofereceu o seu lugar, saberia que no dia tal às tantas horas praticara o seu pequeno crime diário.

(Maria Judite de Carvalho – *A janela fingida*)

### **Vocabulário (14 p)**

1. Procura duas palavras da mesma família de : **cuidado, apaixonante.**
2. Em vez de “**basta entrar**” também se pode dizer.....
3. Escreva o contrário de: **idoso, boa acção, ocupado.**
4. a) Escreva o substantivo derivado de: **amável, jovem** e faça frases com as palavras obtidas.  
b) Escreva um adjectivo derivado de: **idade, dia**, e faça frases com as palavras obtidas.

### **Gramática (6 p)**

5. a) Passem para o discurso indirecto a frase: “ Obrigado, mas sinto-me perfeitamente de pé”.  
b) Passem para o discurso directo a frase: “ Que fizesse o favor, que ela ia sair na paragem seguinte”.

### **Compreensão (20 p)**

6. Quais são os protagonistas do texto? Faz uma breve descrição de cada um deles, e dos sentimentos que vivem.
7. Que pensa a autora que a menina, mais tarde vai fazer, quando chegar a casa?
8. A autora pensa que a menina, mais tarde vai considerar a boa acção que tinha praticado naquele dia como um pequeno crime. Porquê?

### **SUBIECTUL II (50 p)**

Comente a seguinte afirmação:

*“ Há pessoas que fazem absoluta questão de estarem certas nos pequenos detalhes. Nós mesmos, muitas vezes, não nos permitimos errar. O que conseguimos com esta atitude é o pavor de seguir em frente.*

*O medo de errar é a porta que nos tranca no Castelo da mediocridade. Se conseguirmos vencer este medo, estaremos a dar um passo importante em direcção à nossa liberdade.” (Paulo Coelho)*